

## GO TANI E SUA INFLUÊNCIA NO CAMPO DA CINESIOLOGIA NO CONTEXTO CIENTÍFICO BRASILEIRO<sup>1</sup>

### GO TANI AND HIS INFLUENCE IN THE KINESIOLOGY FIELD IN THE BRAZILIAN SCIENTIFIC CONTEXT

Rafael Augusto Marques dos Reis<sup>1</sup>, Verônica Volski Mattes<sup>1,2</sup>, Neidiana Braga da Silva Souza<sup>1</sup>, Vinicius Machado de Oliveira<sup>1</sup>, Marcos Roberto Brasil<sup>1,3</sup> e Juliano de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava-PR, Brasil.

<sup>3</sup>Centro Universitário UniGuairacá, Guarapuava, Brasil.

#### RESUMO

O presente estudo objetivou agrupar algumas perspectivas sobre a atividade epistemológica de Go Tani no contexto da Educação Física (EF) brasileira, estabelecendo suas contribuições e reflexões a partir da Cinesiologia para a estruturação da graduação e da pós-graduação em Educação Física no Brasil. Trata-se de um estudo bibliográfico e exploratório, o qual priorizou a produção de Tani nas mais variadas plataformas, bem como os materiais que circularam sobre a Cinesiologia na literatura nacional e internacional. Por fim, através da referida revisão teórica, foi possível identificar que o campo da EF é um cenário repleto de disputas e que mesmo com as transformações dos paradigmas que inferem nas alternativas legítimas no contexto científico, as relações que são estabelecidas entre as distintas escolas de pensamento da EF têm eclodido num processo de interincompreensão que contribui com a circularidade de perspectivas e a manutenção de crenças no campo.

**Palavras-chave:** Educação Física. Cinesiologia. Epistemologia. Go Tani.

#### ABSTRACT

This study aimed to group some perspectives on Go Tani's epistemological activity in the context of Brazilian Physical Education (PE), establishing his contributions and reflections on Kinesiology for the structuring of undergraduate and graduate Physical Education in Brazil. This is a bibliographical and exploratory study, which prioritized Tani's production on the most varied platforms and the materials that circulated about Kinesiology in national and international literature. Finally, through the theoretical review, it was possible to identify that the PE field is a scenario full of disputes and that even with the transformations of paradigms that infer the legitimate alternatives in the scientific context, the relationships that are established between the different schools of PE thought have erupted in a process of mutual incomprehension that contributes to the circularity of perspectives and the maintenance of beliefs in the field.

**Keywords:** Physical education. Kinesiology. Epistemology. Go Tani.

#### Introdução

O campo da Educação Física (EF) como área de conhecimento legítima tem uma história de dívidas e dúvidas com o trabalho dos intelectuais<sup>2</sup>. Neste artigo, são revisitadas e discutidas algumas das contribuições de Go Tani, pesquisador e intelectual que tem buscado debater a configuração da área nas últimas décadas, desde uma perspectiva que se pode dizer sensível à demarcação interna do estatuto epistemológico e científico da profissão.

Com uma série considerável de publicações relacionadas à temática, abordando o problema da identidade acadêmico-profissional da EF, o autor reuniu – entre livros<sup>3,4</sup>, capítulos<sup>5-7</sup>, artigos<sup>8-15</sup>, resumos e palestras – uma sólida produção intelectual que não só questiona a ausência de uma base epistemológica clara para a EF, como também propõe num sentido prático, encaminhamentos para a área em termos de pesquisa, pós-graduação e preparação profissional. Nas palavras do autor: “o objetivo central desses trabalhos tem sido o de contribuir para aprofundar as reflexões, discussões e proposições acerca do tema”<sup>15</sup>.

É sob esse pano de fundo que Tani mobilizou também, em determinado momento no decorrer de sua trajetória no campo, as contribuições da Cinesiologia como proposta para alinhamento e demarcação do corpo de conhecimentos da EF. Nesse contexto, por via da

conversação com diferentes estudos provenientes do campo da EF norte-americana, o pesquisador não só recupera perspectivas da Cinesiologia para uma possível reflexão sobre a crise de identidade da EF brasileira, mas também impõe avanços a esse quadro de modo a propor uma base epistemológica que satisfizesse a amplitude de atuação da EF e, ao mesmo tempo, privilegiasse uma comunicação sistêmica entre pesquisa básica, aplicada e intervenção na área.

Das alterações vividas ao longo das últimas décadas no cenário do campo nos Estados Unidos e no Brasil e o espectro de problemas daí provenientes, cabe considerar quais acidentes teóricos contribuíram para o aprendizado do que realmente é a EF, distinguindo-a enquanto área de conhecimento, autonomamente produzível e aplicável. Atravessar o percurso histórico do campo brasileiro, resgatando alguns elementos de conexão estrangeira, manifesta-se uma tarefa inescusável de repercussões esclarecedoras.

Nesta esteira, à semelhança do que se viu nos EUA, o Brasil da década de 1960, também foi marcado por um período de efervescência no campo educacional, político, econômico, social etc. A emergência de uma crise na EF contudo, tardou alguns anos em relação aos EUA e remonta com maior ascendência à década de 1980, relacionando-se diretamente aos anos finais do período de intervenção militar, em que a formação das instâncias de Pós-Graduação na área aumentou massivamente<sup>16</sup>.

De tal modo, a progressão e o óbice da constituição geral do campo no Brasil, além de um aparentemente perene estado de crise, vêm sendo também tratado no decurso de sua existência de forma latente por diversos autores, preocupados com seu desenvolvimento epistemológico. As obras destes autores são de profunda relevância na medida em que buscam sobredeterminar a construção do conhecimento na área e cuja menção faz-se necessária para um desenho do estado em que se encontra a discussão no Brasil.

Destarte, reconhecido preliminarmente o influxo teórico que Tani empreendeu no campo da EF brasileira, cabe um maior aprofundamento nessas ações com o objetivo não só de identificar proximidades e distâncias frente à organização acadêmico-profissional da EF nos Estados Unidos a partir da Cinesiologia, mas principalmente de restituir as contribuições de suas reflexões para a configuração da estrutura de graduação e pós-graduação em EF no país, estimulando o fortalecimento da identidade e autonomia da EF como área de intervenção profissional academicamente orientada<sup>15</sup>.

### **Aspectos teórico-metodológicos**

Em linhas gerais, no que diz respeito aos aspectos teórico-metodológicos foram adotados os encaminhamentos de natureza qualitativa, através de uma pesquisa documental e exploratória que visa analisar a atividade epistemológica de Go Tani evidenciando sua contribuição para a configuração da estrutura de graduação e pós-graduação em Educação Física no Brasil a partir da Cinesiologia.

Na primeira seção do texto é empreendida uma descrição biográfica de Go Tani e sua trajetória no campo acadêmico, sintetizando o itinerário que fixou a perquirição epistêmica da EF como uma das principais agendas de pesquisa do autor. Em seguida, foi realizada uma discussão da produção científica de Go Tani no intento de revocar e problematizar suas reflexões ligadas ao tema de interesse nesta pesquisa, a saber, as contribuições de Go Tani e da proposta cinesiológica na conjuntura epistemológica da EF no Brasil.

Para a seleção do material bibliográfico, foram eleitos os estudos da produção acadêmica de Go Tani, tendo como critério de inclusão na pesquisa, materiais publicados por Tani em diferentes plataformas, bem como outros materiais que circularam sobre a Cinesiologia, com ênfase no debate epistemológico dentro dos principais periódicos nacionais. Os materiais que apresentavam algum vínculo ao mote nos títulos, resumos e palavras-chave foram pré-

selecionados e separados para análise completa. Constatou-se que Tani acumulava, até o momento da coleta, dezoito artigos publicados em periódicos científicos, dois livros e quatro capítulos de livros versando sobre a configuração do campo.

A análise dos trabalhos e materiais coletados para este estudo baseou-se em dois eixos: [1] a crise de identidade e a busca por um corpo de conhecimentos para a EF; [2] a contribuição da Cinesiologia como proposta para o campo de conhecimentos da EF no Brasil, tendo como principal articulador Go Tani.

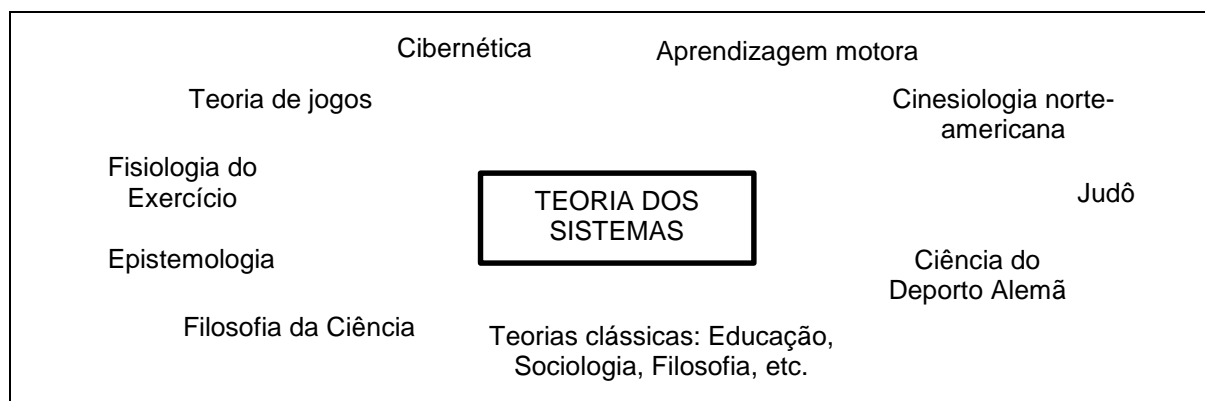
### **Primeiramente, quem é Go Tani?**

Go Tani nasceu no dia 19 de junho de 1951, na periferia da cidade de São Paulo. É um *nissei*, ou seja, a segunda geração de imigrantes japoneses no Brasil. Caçula dos oito filhos de Sobei Tani e Mineco Tani, imigrantes japoneses e agricultores, Tani sempre estudou em escolas públicas (inclusive numa escola rural) e teve o esporte, em especial, o judô, como grande influência na sua formação<sup>17</sup>. Interferência financeira e familiar e o gosto pelo esporte atraíram Tani ao curso superior em EF.

Após cumprir o período militar, ingressou no curso de Licenciatura em EF na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) em 1971. O percurso pelo ensino superior deu-se sem maiores dificuldades ou grandes esforços, graças à sua vivência motora em esportes<sup>17</sup>. Sua insatisfação (principalmente teórica) o fez dar continuidade aos estudos. Uma seleção de bolsistas para mestrado no Japão levou Tani à conclusão de seu Mestrado em Educação (1978) e Doutorado em Educação (1982) pela Universidade de Hiroshima, onde também realizou um de seus estudos de Pós-Doutoramento em EF (1996).

Cabe destacar também que Go Tani é Pós-Doutor em Psicologia pela Universidade de Sheffield (1995) e Livre Docente em EF pela Universidade de São Paulo (1989). Além disso, é oportuno mencionar que Tani também já foi representante de área na CAPES e no CNPq. Atualmente é Professor Titular da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo<sup>17</sup>.

Em sua trajetória acadêmico-profissional, Tani já atuou em diversos projetos e linhas de pesquisa (atualmente possui 7 linhas). Foi membro do corpo editorial de diversos periódicos científicos (hoje é membro de 9 revistas), recebeu mais de uma dezena de prêmios e homenagens, publicou diversos artigos em periódicos científicos, livros e capítulos de livro, além de inúmeros resumos, apresentações de trabalho e palestras, orientações e bancas de avaliação<sup>18</sup>. Possui vasta experiência na área de EF, sobretudo nos campos de investigação da Aprendizagem Motora, Educação Física Escolar e Bases Epistemológicas da Educação Física e Esporte. Abaixo apresentamos um quadro teórico que sintetiza as principais influências teóricas que Tani recebeu e mobilizou em sua trajetória ao construir progressivamente o seu programa de pesquisa. Para a elaboração desse quadro, nos fundamentamos em suas entrevistas, nas informações declaradas em seu currículo na Plataforma *Lattes* e em uma exegese de seus textos.



**Figura 1** – Quadro teórico articulador do pensamento de Tani

**Fonte:** Os Autores

Como se nota, no centro do empreendimento do autor se situa uma abordagem metateórica que é sistêmica, ou seja, que busca alinhar explicações complexas e dinâmicas no campo da ciência, articulando as partes e o todo, em contraposição a um paradigma mecanicista e redutor. Orbitando em torno dessa orientação teórica organizadora de seu pensamento, insurge uma série de conhecimentos e teorias que reporta às experiências vividas pelo autor em sua relação com outras realidades e áreas do saber, bem como uma referência prática manifesta sob a forma de *habitus*, isto é, de conhecimento social incorporado<sup>19</sup>, no contexto do judô e, de uma forma mais ampla, no campo esportivo e na EF.

Feito esse breve recenseamento sobre alguns aspectos biográficos e teóricos impressos na trajetória de Tani, oferecemos nas próximas páginas uma apreciação acerca das reflexões acumuladas pelo autor no âmbito da Epistemologia da EF, de modo a identificar a influência de suas ideias nos domínios da pesquisa, pós-graduação e preparação profissional em EF, bem como pontuar o entendimento do pesquisador sobre o problema da crise identitária que tem afetado o desenvolvimento da área no Brasil na condição de campo acadêmico-científico.

### **A crise de identidade e a busca por um corpo de conhecimentos para a Educação Física no Brasil**

Uma retomada reflexiva do trabalho de Tani, permite visualizar que uma de suas principais preocupações epistemológicas com o campo da EF é referente à ausência de uma identidade clara que caracterize a rigor a amplitude da área, sendo que essa imprecisão tem afetado significativamente o modo com que a EF tende a se realizar e se justificar em diferentes contextos, evidenciando fragilidades no âmbito da pesquisa, no processo de formação profissional, bem como na própria atuação dentro da escola e em outros espaços<sup>4,5,12,20</sup>.

A dualidade existente entre disciplina acadêmica e profissão permeia a EF. Vista como disciplina acadêmica, a EF possui uma base essencialmente teórica e voltada para o desenvolvimento do conhecimento. Já como profissão, a EF tem características de ordem prática, que contribuem para a sociedade e seus atores. Outra dualidade está na compreensão do papel da atividade física na EF: ora como terapia/profilaxia na melhoria da aptidão física, ora como elemento importante para a educação<sup>4,20</sup>.

Vista como uma disciplina acadêmica, a EF no Brasil está em crise, apresentando dificuldades de consolidação até mesmo em espaços onde não deveria encontrar tanta resistência, como no caso do ambiente escolar. Enquanto área de conhecimento encontra-se, em alguma medida, atônita por falta de clareza por parte de seus próprios agentes. Na qualidade de curso de preparação profissional percebe-se uma formação indefinida e desorganizada de modo geral. Constituída profissão, enfim, a EF encontra-se ainda em muitas realidades marginalizada, sendo seus profissionais apenas executores de tarefas<sup>4</sup>. Para Tani, os

profissionais brasileiros de EF poderiam ser definidos, atualmente, como meros executores e não como pensadores, ou seja, assemelhando-se aos leigos, com pouca profundidade em sua base teórica. De acordo com o autor, “o que diferencia basicamente um profissional do leigo é o fato de o primeiro dominar os fundamentos teóricos em que se apoiam os seus procedimentos práticos”<sup>4</sup>. Para que o profissional de EF possa satisfazer adequadamente a identidade de sua área, ele deve demonstrar o domínio de teorias aderentes que embasem sua prática e que são constituídas, portanto, de um corpo de conhecimentos teóricos intimamente relacionados com o fazer prático. Contudo, para a busca desse corpo de conhecimentos necessita-se antes questionar: quais são esses conhecimentos? De onde eles vieram? Quem os produziu? Como foram produzidos? Quais as suas características?<sup>4,20</sup>.

Cabe notar que o corpo de conhecimentos na área da EF no Brasil possui ainda, grande influência do paradigma científico de característica analítica das Ciências Naturais. Um exemplo está na simplificação excessiva acerca do objeto de estudo a fragmentar o conhecimento, afastando o campo consequentemente de sua quiddidade. Dito de outro modo, como “o velho ditado, de tanto se analisar a árvore, perdeu-se a visão da floresta”<sup>4</sup>. Além disso, evidencia-se o acúmulo de dados desconexos, profusos, sem o empenho de estrutura teórica por onde as hipóteses sejam daí extraídas e melhor alicerçadas até sua possível refutação<sup>20</sup>. Ademais, perdeu-se em muito a integração entre teoria e prática, como nas sessões de um supermercado, onde se encontram itens variados, mas não se pode visualizar um tema unificado capaz de integrá-los<sup>4,20</sup>. Dessa forma, compreendemos tratamentos superficiais da EF e do movimento humano e não um corpo de conhecimentos integrados e abrangentes<sup>4,20</sup>.

Historicamente, a EF emprestou por muito tempo, a aplicação de conhecimentos produzidos por áreas como a Psicologia, Antropologia, Fisiologia, Sociologia, etc. para explicar e ordenar sua atividade científica no campo acadêmico. Contudo, por sua natureza específica, tais áreas não possuem condições suficientes para abarcar e suprir todas as necessidades da EF e do objeto que a circunda. Além disso, seria um tanto quanto ingênuo por parte daqueles que pensam a EF acreditar que essas áreas poderiam definir a área, uma vez que essas não foram criadas para esse propósito. Isto é, dizer o que é EF cabe tão somente à própria EF<sup>2</sup>. Assim sendo, no esforço de se estruturar um corpo de conhecimentos na EF e para a EF, Tani<sup>4,20</sup> propôs ser imperativo à área delimitar um objeto de estudo, uma metodologia e um paradigma próprio. Segundo o autor, o objeto de estudo da EF é o movimento humano. Entretanto, a EF no Brasil não possui uma metodologia de estudo respectiva, pois depende de metodologias das disciplinas tradicionais, bem como um paradigma característico com a produção de conhecimentos em quantidade, todavia desconexos e fragmentados, sob a ausência de uma estrutura definida que os articule, os organize e os difunda.

Em adição, faz-se imprescindível à conjectura de uma profissão cujo exercício seja orientado academicamente, uma estrutura capaz de organizar sistematicamente este corpo de conhecimentos em torno de um objeto comum, sem o qual impera (e ainda parece reinar) todo tipo de confusão epistemológica. Nessa linha de raciocínio, Tani propõe um *framework* da EF, tendo como base os estudos de pesquisadores norte-americanos, a exemplo de Henry<sup>21</sup>, Rarick<sup>22</sup> e Brooks<sup>23</sup>, dentre outros, que apontam para uma visão sistêmica e de caráter interdisciplinar/transdisciplinar, definindo as relações da EF com a Cinesiologia e firmando como objeto de interesse da área o movimento humano.

Em outros termos, a área deve se preocupar em compreender como o homem se move, como adquire habilidades, quais os efeitos físicos, psicológicos e emocionais da atividade física, quais seus aspectos históricos e culturais, etc.<sup>4,20</sup>. Sendo assim, Tani inicialmente avalia as relações da EF às demais áreas numa condição complexa de interdisciplinaridade, ponderando os aspectos sociais, culturais, psicológicos, biológicos, etc., contudo, sem perder de vista a necessidade de garantir um estatuto disciplinar por parte da própria EF, aliada a uma clara visão de seu núcleo central: o movimento humano. Daí a defesa da Cinesiologia como

área capaz de articular a produção do conhecimento científico para informar a intervenção em EF nos diferentes domínios sociais.

No intuito de visualizar o modo com que esses elementos são articulados por Tani ao longo de sua produção, podemos nos utilizar da metodologia dos programas de pesquisa científica demarcado por Lakatos<sup>24</sup>. Em outras palavras, os esforços de Tani na área podem ser qualificados como um programa de pesquisa no qual o autor se propôs a formular e exemplificar uma estrutura de corpo de conhecimentos que permitisse à EF equacionar a variedade de propostas feitas nas particularidades do campo.

De acordo com Lakatos<sup>24</sup>, deve-se entender por programas de pesquisa as séries de teorias científicas que, por sua vez, serão retomadas de forma relacional e articulada. Sob esse enfoque, se dirá que um programa de pesquisa é progressivo quando da ocorrência de novos fatos ou regressivo quando se trabalhar com fatos já conhecidos e por meio da introdução de hipóteses *ad hoc*<sup>24</sup>. Por seu turno, o progresso da ciência enquanto corpo de conhecimentos se dará a partir da concorrência entre programas progressivos e regressivos. Ademais, cada programa deve possuir o seu núcleo duro, ou seja, sua teoria ou conjunção de hipóteses irrefutáveis/imutáveis. O núcleo duro do programa deverá ser protegido por conjuntos de hipóteses auxiliares corroboradas, chamadas de cinturão protetor. As heurísticas positiva e negativa se relacionam com o cinturão protetor do programa na medida em que indicam quais são os caminhos que podem ou não ser percorridos, ocorrendo então de afetar, modificar, sofisticar ou falsear as hipóteses e a teoria. Quanto maior autonomia o cinturão dispor para trabalhar com as heurísticas positivas e negativas, maior será a sua força heurística. Dessa forma, o núcleo duro<sup>25</sup> da EF deve ser constituído na diversidade de perspectivas que se abrem a partir da noção de movimento humano, sem abrir mão da especificidade da área em nome de romantismos, irrealismos<sup>4,15</sup> e disputas de poder no campo acadêmico<sup>2</sup>. Na sequência, é oferecido um aprofundamento do programa de Tani para a EF brasileira a partir da Cinesiologia.

### **A cinesiologia como proposta para o campo de conhecimentos da Educação Física no Brasil**

Tani ao assumir a EF como disciplina acadêmica e delimitar seu corpo de conhecimentos, utiliza-se da definição norte-americana de Henry<sup>21</sup>, tendo-a como “[...] uma área de conhecimento relacionada com o estudo da natureza e significado do movimento humano em suas várias formas de manifestação e com a investigação não só do como, mas também do porquê da atividade física [...]”<sup>4</sup>.

Nesse sentido, o autor visualiza no campo da Cinesiologia uma proposta viável de construção de um corpo de conhecimentos sólidos para a área de EF no Brasil, contextualizando evidentemente as especificidades dessa dinâmica em território nacional, a começar pelo advento dos cursos de pós-graduação em EF no país, que remonta à década de 1970, bem como para a formação da primeira geração de doutores que realizou seus estudos na modalidade *stricto sensu* no exterior e, ao retornar ao país no início dos anos 1980, contribuiu para o desenvolvimento da EF em suas respectivas universidades. Tais eventos, em medida significativa, representaram uma mudança de paradigma na estruturação e organização do campo da EF brasileira, em especial não só porque garantiram a justificação da EF na hierarquia da universidade, como também abriram frentes de atuação cientificamente informadas e desenharam inicialmente os contornos da EF como um campo de investigação próprio, ainda que pouco autônomo<sup>10</sup>.

A participação da USP nessa dinâmica é notória. Segundo Tani<sup>25</sup>, os avanços no âmbito da formação do quadro docente *uspiano* foram cruciais para a “[...] implantação de uma base de pesquisa no interior da Instituição”. Em todo caso, não é possível dizer que o desenvolvimento da EF obedeceu a um padrão homogêneo por todo o país, dado seu tamanho

continental e, principalmente, diferentes concepções/visões do que é a EF, gerando lutas no interior do campo acadêmico, inclusive no intuito de colocar em suspeita a estrutura de organização científica e oferecer modelos alternativos, sobretudo no âmbito da Licenciatura. Tani atento a esses padrões de desenvolvimento científico diferenciados reconheceu que, apesar do modelo *uspiano* ser referência na adoção de um *ethos* científico para a EF no país, essa lógica de estruturação não pôde ser estendida mais amplamente para a área, haja vista que, até o presente momento não há uma base científica consolidada que justifique com rigor e convencimento a especificidade da profissão no contexto de preparação profissional<sup>10</sup>.

Além disso, Tani<sup>25</sup> ressalta que, em que pese a preponderância de um *ethos* científico bem definido na estrutura de organização da EF na USP, a falta de clareza na demarcação da identidade acadêmica e profissional presente no histórico da área seria um problema que transcende qualquer instituição universitária isolada e por isso um obstáculo muito mais difícil e complexo de se resolver. De acordo com o autor, um dos fatores que influenciou essa instabilidade epistemológica da EF estaria relacionado à profunda imersão que a área fez em outros campos do conhecimento, distanciando-se muitas vezes do trato com o que compete a ela própria<sup>27</sup>. Daí a necessidade de questionar se as pesquisas desenvolvidas nas universidades teriam como pano de fundo uma identidade científica da EF minimamente inequívoca ou se, ao invés disso, estariam a favorecer sua própria construção conflituosa<sup>11,25</sup>.

No intuito de produzir respostas a esses impasses, Tani levou bastante a sério o estudo do movimento disciplinar da EF emergente do contexto estadunidense na década de 1960<sup>21,22,27</sup>. Para Tani<sup>25</sup>, o referido movimento se orientou por duas perspectivas: a interdisciplinar e a transdisciplinar. Na primeira variante, a EF ainda estaria subalternizada a outras áreas, uma vez que corresponderia à aplicação do conhecimento de disciplinas tais como Sociologia, Fisiologia, Psicologia, etc., de modo a satisfazer os problemas específicos do campo, em uma lógica que culminou com o desenvolvimento de subáreas de investigação/atuação especializadas a exemplo da Psicologia do Esporte, História do Esporte, dentre outras<sup>10,25</sup>.

Já no que se refere à perspectiva transdisciplinar, a EF não seria dependente destas disciplinas, afinal ela não só possuiria uma identidade própria, como encontraria na figura do movimento humano o seu objeto específico de investigação. Ademais, a partir de estudos horizontais e verticais haveria ganhos em profundidade e a EF, ao se valer de parte dos conhecimentos das disciplinas tradicionais, deveria integrá-los e ampliá-los no desiderato de adensar o olhar acerca de seu objeto de estudo<sup>25,28</sup>.

Em que pese, no entanto, o desejo de que o Movimento Disciplinar contribuísse para a estruturação de um corpo de conhecimentos apto a consolidar uma identidade acadêmica clara também para a EF brasileira, sustentando teoricamente a preparação profissional e a intervenção na área, há que se destacar que o referido movimento, a partir de uma apropriação inventiva, parece ter ressoado mais decisivamente na organização da EF na USP, muito em virtude dos múltiplos entendimentos sobre a área no Brasil, decorrentes da formação de investigadores em diferentes tradições teóricas, a partir de influências de outras realidades que não necessariamente a norte-americana.

Além disso, percebe-se que o curso do Movimento Disciplinar da EF intensificou a especialização das pesquisas científicas, resultando na consolidação de uma pluralidade de subáreas, cada qual com seus próprios objetos e objetivos, impulsionadas pela busca de status acadêmico, muitas vezes descurando da produção de conhecimentos aderentes à identidade de área<sup>10,25</sup>. Antunes et al.<sup>29</sup> relataram que uma das consequências desse movimento, foi a predominância das pesquisas no âmbito das ciências naturais e exatas, refletindo consequentemente no enfraquecimento do uso da epistemologia e metodologia das ciências humanas, em especial as de caráter pedagógico. Isso, por sua vez, remete a uma lógica de fragmentação do conhecimento que se fez refletir na área de EF, com problemas/soluções cada vez mais especializadas sem articulação entre as subáreas<sup>2,25</sup>.

Ademais, a reestruturação dos cursos de formação profissional por meio da implementação dos cursos de Bacharelado em EF causaram instabilidade nas instituições, prevalecendo a resistência de grupos que almejavam a manutenção do *status quo* e a preservação da estabilidade<sup>4,10</sup>. Em que pese, todavia, existisse alguma resistência, a divisão entre o Bacharelado e a Licenciatura ampliou ainda mais o cenário de fragmentação da EF, culminando para um quadro de ultraespecialização no interior do campo acadêmico-científico. Outro acontecimento relevante foi o desenvolvimento de inúmeras abordagens pedagógicas para a EF escolar a partir dos anos 1980. Tal diversidade, segundo Tani<sup>4</sup>, se configura como requisito para qualificação da área, subsidiando a construção de uma proposta curricular capaz de atender as demandas reais. Em todo caso, como sugeriu Souza<sup>2</sup>, a existência de múltiplas abordagens, sem a demarcação de um consenso mínimo para o que fazemos e somos, acabou reforçando ainda mais as fragmentações e disputas no campo da EF, na medida em que os investigadores e grupos de pesquisa passaram a defender teorias regionais como se fossem teorias gerais da EF, como se apenas os seus *constructos* fossem verdadeiros ou críticos e todos os demais não passassem de meros resquícios ideológicos.

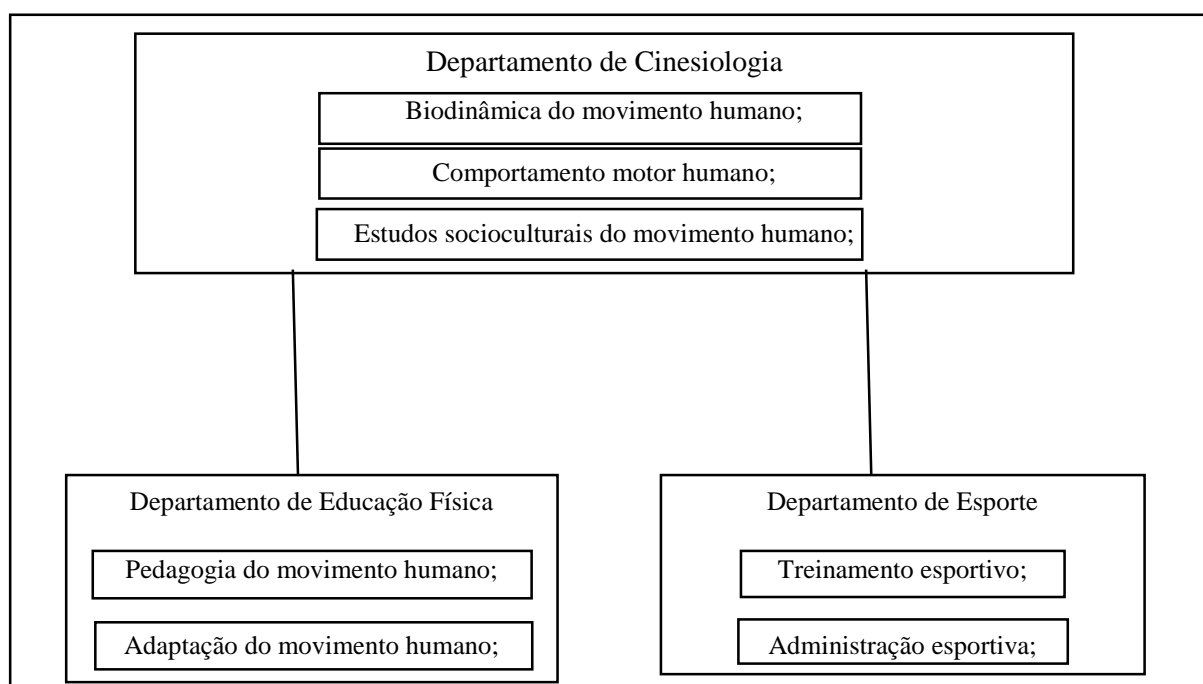
Ao avaliar epistemologicamente esse cenário sob a ótica *kuhniana*, pode-se dizer que esse período histórico de um pouco mais de quatro décadas a contar dos anos 1980 tem sido marcado pela presença de diversas anomalias no campo da EF brasileira<sup>30</sup>, ocasionando divergências entre os guardiões da verdade formular e os adeptos às mudanças. Percebe-se que, até o presente momento, a EF continua diante das anomalias que acabaram por intensificar a fase de crise, impondo barreiras que impediram/impedem revoluções científicas de ordem mais global na área enquanto campo de conhecimento autônomo, o que refletiu em concepções que se distanciaram da realidade intervencionista da profissão. Dessa forma, em diversos setores da EF brasileira a ciência foi tratada como “vilã” da história.

Reforçando essa perspectiva, Bracht<sup>31</sup> afirma que a busca pelo avanço científico na EF resultou no processo de “despedagogização”, colocando em xeque as contribuições científicas para a EF escolar. Todavia, Tani<sup>3</sup> relata que essa descontextualização da ciência no tempo e no espaço reforça a necessidade de estudos epistemológicos mais acurados. Por conseguinte, mesmo evidenciando as potencialidades da Cinesiologia como um programa de pesquisa capaz de provocar uma reorganização estrutural no paradigma de crise da EF brasileira, círculos de especialistas da área criticaram-na alegando não abarcar a dimensão da prática pedagógica e de intervencionismo social<sup>32,33,34</sup>, não obstante essa condição jamais ter sido rejeitada por Tani na condição de articulador da proposta. De tal modo, se a crítica ao autor por suas proposições para a EF escolar<sup>1</sup> é manifestada visivelmente por um largo número de citações – sublinhados os antagonismos existentes nessa regionalidade do campo da EF serem a demonstração de posições políticas e epistemológicas já bem demarcadas – por outro lado, são exíguas as apreciações às contribuições de Go Tani que versem também sobre o plano macroestrutural da área<sup>4,6,7,10,11,12,13</sup>.

Em que pese a diversidade de proposições teóricas na área, com mínimo consenso sobre o que de fato somos, passaram-se pouco mais de 4 décadas do chamado movimento renovador da EF, e não há no campo, no entanto, uma síntese coerente, amplamente aceita, capaz de pôr em firme égide nossa especificidade de área. Além disso, a suspeição da ciência em benefício do político reflete um certo dogmatismo teórico, alheio às modificações geradas pelo próprio dinamismo social, sinalizando a existência de grupos que buscam ‘eternizar’ o tempo e fundar uma outra ordem de relações no campo. Com efeito, se infere que a ausência ainda manifesta de um corpo de conhecimentos sólidos, capaz de sustentar acadêmica e cientificamente a prática da EF, conduz não raramente a problemas de formação de uma identidade profissional confusa que interfere na autonomia e no reconhecimento da área<sup>2</sup>. Bourdieu<sup>35-36</sup> lembra que os critérios de demarcação constituintes dos arcações teórico-metodológicos influenciam na autonomia do campo, refletindo no desenvolvimento científico.

No âmbito da EF, Tani<sup>4</sup> afirma que isto se configura como “[...] produto de um problema epistemológico e metodológico de simplificação excessiva do objeto de estudo nas pesquisas”. Face a essas tensões no campo acadêmico e com o intuito de promover algum avanço epistemológico, Tani apresenta e defende a estrutura da Cinesiologia como meio de superação da crise identitária, instituindo-a como estrutura que abarque a EF, com metodologia especializada e paradigmas próprios, além de articular o movimento humano como objeto mais correspondente à área.

Nessa esteira, Tani sistematiza a estrutura de uma Faculdade de Cinesiologia, Educação Física e Esporte (Figura 02), apontando três áreas gerais da Cinesiologia: biodinâmica, comportamento motor e estudos socioculturais do movimento humano. Essas subáreas, por conseguinte, subsidiariam a EF enquanto área de conhecimento, em acréscimo a duas disciplinas: “pedagogia” e “adaptação do movimento humano”. Além disso, a “área mãe” também seria base para o departamento de esporte, juntamente com o treinamento e a administração esportiva. Nesse movimento relacional seria garantido espaço tanto para a pesquisa básica quanto aplicada, promovendo uma aproximação da teoria à prática da EF, tendo por retaguarda o conhecimento científico<sup>4</sup>.



**Figura 2** - Estrutura administrativa da Faculdade de Cinesiologia, Educação Física e Esporte  
**Fonte:** Adaptado de Tani<sup>4</sup>

De acordo com Tani<sup>4</sup>, uma característica essencial dessa proposta é a clara diferenciação entre áreas (e subáreas). A primeira delas seria concentrada em aspectos acadêmicos do movimento humano (descrição, compreensão, explicação), ao passo que a segunda se atentaria aos aspectos profissionalizantes e aplicados desse fenômeno (Educação Física e Esporte). Para o autor, a intenção seria organizar racionalmente o progresso, “cada qual dentro da sua especificidade, ou seja, com pesquisas devidamente caracterizadas e identificadas”<sup>10</sup>.

Apesar dos reflexos práticos da concepção de Cinesiologia não serem homogêneos e a EF brasileira não corresponder essa premissa, pode-se perceber que algumas instituições à aderiram – talvez como possíveis efeitos políticos da inserção de Tani nos espaços. Nesse contexto, percebe-se que até a própria organização da Área 21 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e, como já dito, a organização dos

Departamentos da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE/USP), considerada uma das principais instituições de EF do país (Departamento de Esporte, Departamento de Biodinâmica do Movimento do Corpo Humano e Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano), espelham esse entendimento acadêmico fundamentado na Cinesiologia.

Em síntese, Tani<sup>4</sup>, ao tratar da crise de identidade profissional que perdura na EF, relata que a ausência de um consenso mínimo do que se configura enquanto objeto da área reflete no baixo nível de consistência com a realidade<sup>37</sup>. Ou seja, há um distanciamento entre a EF que se pensa e se pesquisa, por um lado, e aquela que, por outro, se realiza nos diferentes domínios de intervenção<sup>2</sup>. Logo, “a ausência dessa definição pode estimular os pesquisadores a “atirarem para todos os lados” e os seus esforços ficarem diluídos sem resultar em conhecimentos articulados em torno de objetos, temas e problemas específicos da área”<sup>4</sup>. Além disso, a inexistência desse discernimento também inflexiona na inibição da discussão epistemológica na EF<sup>4</sup>.

Nessa perspectiva, Popper<sup>38</sup> critica o conhecimento produzido de forma acidental, indagando qual seria a contribuição dessa forma de produção. Na ótica *popperiana*, praticamente nenhuma. Logo, é importante que os conhecimentos sejam sistematizados na EF para que as anomalias sejam superadas e, porventura, revoluções científicas possam prosperar<sup>30</sup>.

## Considerações finais

Como observado no presente estudo, Tani é um dos grandes nomes do campo da EF brasileira. Sua compreensão dos problemas enfrentados pela EF, bem como seus esforços para a defesa da constituição de uma autonomia para ela à retaguarda da ciência, nos traz inúmeras contribuições para pensar o desenvolvimento e o avanço científico da área. Para o autor, a EF constitui um conjunto de práticas cientificamente orientadas e que tem na Cinesiologia a sua “área-mãe”. Além disso, cabe destacar que a área tem seu objeto de estudo próprio (o movimento humano) e suas contribuições à ciência podem se localizar tanto na esfera da ciência básica quanto da aplicada.

Ademais, as incursões de Tani revelam que a EF ainda busca por sua identidade epistemológica a fim de constituir um maior grau de autonomia e, dessa maneira, orientar o trabalho pedagógico com mais assertividade. Conforme Tani<sup>3</sup> “[...] é a identidade que torna possível a interação entre as áreas [...] caso contrário, a ciência provavelmente seria uma só”. Assim, reivindicar um objeto para área equivale a defender sua autonomia e sustentação tanto no âmbito acadêmico-científico quanto no domínio da intervenção. Mas não só isso, afinal, demarcar a especificidade da EF e justificar o motivo de sua existência significa contribuir para o reconhecimento dos diferentes profissionais que fazem a área acontecer.

Nesse percurso, o autor buscou acionar a Cinesiologia tal como ganhava forma nos Estados Unidos desde uma abordagem sistêmica. Assim, por via da Cinesiologia, Tani<sup>15</sup> defendeu o movimento humano como objeto indelével da EF, levando em consideração a interação das pessoas com o meio e vice-versa, sem se distanciar da visão global de indivíduo, ponderando as interrelações entre as dimensões social, cultural, biológica, psicológica.

Todavia, em que pesem, as contribuições de Tani para a área de EF no Brasil, conforme buscamos sumarizar nesse artigo, o fato é que muitas de suas proposições encontraram resistência por parte dos pares, sobretudo porque procurou caminhar em rumo diferente ao que preconizava o movimento renovador da EF brasileira nos anos 1990. Em síntese, pode-se dizer que em um contexto marcado por intensos debates a respeito da estrutura social, da política e

da cultura torna-se muito mais difícil para campos científicos pouco autônomos medrarem maior autonomia. Como a perspectiva de Tani era mais sensível a um critério de demarcação interna do problema epistemológico da EF, logo sua abordagem foi associada ao contexto da ordem e não do conflito, o que em parte, ajuda a explicar a baixa receptividade que sua proposta encontrou entre aqueles círculos que estavam a dar as cartas da EF, sobretudo escolar, no país no contexto em questão.

Esse cenário esboçado, por conseguinte, reitera o quanto os campos científicos são marcados por disputas. Como ressalta Bourdieu<sup>35-36</sup>, a vida científica se assemelha a um jogo com suas regras e estratégias. O campo científico é provido de forças que sistematizam sua estrutura, constituindo-se como espaço de conflitos, onde há divergências na distribuição dos recursos (capital científico). Cada agente traz em si um *habitus* científico, com intenções calculadas, prática científica, teorias e métodos próprios. Cabe lembrar que se, por um lado, a comunidade científica para Kuhn<sup>30</sup> é unificada e homogênea, com objetivos comuns, por outro lado, o campo científico para Bourdieu<sup>36</sup> é um espaço de competição, com objetivos distintos, palco de tensões e pressões. Contudo, em campos científicos frágeis, o capital político tende a se sobrepor ao capital científico<sup>37</sup>, condição que talvez possa lançar luz à relativa invisibilização de algumas proposições de Tani na área de EF no Brasil e de uma série de outros autores<sup>39</sup>.

Nesse sentido, afirma-se que se a tematização epistemológica, por um lado, pode ser considerada um distintivo próprio de áreas que buscam ainda uma maior demarcação de seus alcances e limites, por outro, apresenta-se como qualidade indelével de uma constante hermenêutica social, capaz de diminuir o vácuo existente, em nosso caso, entre o *homo academicus* e o *homo movens*<sup>2</sup>. Sob as lentes de um cenário acadêmico em diferentes ritmos de mudança, a reflexão sistemática do estatuto científico do campo assume relevo considerável na dinâmica contemporânea, na qual as exigências de uma reflexividade social, cada dia mais acentuada, constantemente batem à porta e nos impõem novos desafios.

## Referências

1. Este artigo é uma versão aprimorada do seguinte trabalho: Mattes, VV, Souza NBS, Souza, J. A atividade epistemológica de Go Tani no campo da Educação Física Brasileira. In: Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2019, Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte: CBCE, 2019[acesso 26 jul 2021]. p. 1-7. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/anais/tracks/2019/460>>.
2. Souza, J. Do homo movens ao homo academicus: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física. São Paulo: Liber Ars; 2021.
3. Tani G, Manoel EJ, Kokubun E, Proença JE. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1988.
4. Tani G. Leituras em Educação Física: retratos de uma jornada. São Paulo – SP: Phorte; 2011.
5. Tani G. Desporto e escola: que diálogo ainda é possível? In: Bento JO, Constantino JM, editores. Em defesa do Desporto: mutações e valores em conflito. Coimbra: Almedina; 2007a, p. 269-287.
6. Tani G. Pós-graduação em Educação Física: crescimento e correção da rota. In: Moreira WW, Nista-Piccolo VL, editores. Educação Física e esporte no século XXI. Campinas: Papirus Editora; 2016, p. 153-171.
7. Tani, G. Preparação profissional em Educação Física: reflexões sobre a “festa” no convés do Titanic. In: Correia WR. Formação profissional em Educação Física: ensaios e proposições. São Paulo: Editora Fontoura; 2017; p. 17-35.
8. Tani G, Freire JB, Betti, M. Debate: perspectivas para a Educação Física Escolar. Rev Paul Educ Fís 1991;5(1-2):79-87. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1991.138294>
9. Tani G. Estudo do comportamento motor, Educação Física escolar e a preparação profissional em Educação Física. Rev Paul Educ Fís 1992;6(1):62-66. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1992.138065>
10. Tani G. Cinesiologia, Educação Física e Esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. Motus Corporis 1996;3(2):9-50.
11. Tani G. 20 anos de ciência e esporte: um transatlântico sem rumo? Rev Bras Ciênc Esp 1998 [acesso 15 jun 2021];19-31. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/800>>.
12. Tani G. Os desafios da pós-graduação em Educação Física. Rev Bras Ciênc Esp 2000[acessi 15 jun 2021];22(1):79-90. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/755>>.

13. Tani G. Avaliação das condições de ensino de graduação em Educação Física: garantia de uma formação de qualidade. *Rev Mackenzie Educ Fís e Esp* 2007;6(2):55-70.
14. Tani G. Educação Física: por uma política de publicação visando a qualidade dos periódicos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 2007;29(1):9-22.
15. Tani G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. *J Phys Educ* 2008;19(3):313-331. Doi: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v19i3.5022>
16. Drigo, AJ, Silva, LH, Ferreira, HJ, Silva, CS, Souza Neto, S. The socio-political scene and Henry's crisis influence on the curricula of physical education undergraduate courses in Brazil. *J Phys Educ*, 2020; 31(1) e-3155. Doi: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3155>.
17. Tani, G. Comportamento motor no Brasil: uma breve história do meu envolvimento com a área. In: Moraes R, Rodrigues ST, editores. *Os pesquisadores pioneiros em comportamento motor no Brasil*. Bauru: Canal 6 Editora; 2018, p. 71-144.
18. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico [Internet]. Plataforma Lattes [acesso 12 fev 2019]. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0577522303896168>
19. Bourdieu, P. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes; 2009.
20. Tani, G. Pesquisa e Pós-Graduação em Educação Física. In: PASSOS, SCE. *Educação Física e esportes na universidade*. Brasília: SEED-MEC/UnB; 1989a, p. 381-94.
21. Henry FM. Physical Education: an academic discipline. *J.Health Phys Educ Rec* 1964;35(7):32-69. Doi: <https://doi.org/10.1080/00221473.1964.10621849>
22. Rarick GL. The domain of physical education as a discipline. *Quest* 1967;9(1):49-52. Doi: <https://doi.org/10.1080/00336297.1967.10702786>
23. Brooks GA What is the discipline of physical education? In: Brooks, G. *A Perspectives on the academic discipline of physical education*. Champaign: Human Kinetics; 1981.
24. Lakatos I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: Lakatos, I, Musgrave A, editores. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix; 1979, p. 109-243.
25. Tani G. Atividade de pesquisa na escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: passado, presente e futuro. *Rev Paul Educ Fís* 1999;13:20-35. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1999.139862>
26. Lawson H, Morford W. The crossdisciplinary structure of kinesiology and sports studies: Distinctions, implications, and advantages. *Quest* 1979;31(2):222-230. Doi: <https://doi.org/10.1080/00336297.1979.10519939>
27. Kroll WP. *Graduate study and research in physical education*. Champaign: Human Kinetics; 1982.
28. Henry FM. The academic discipline of physical education. *Quest* 1978;29:13-29. DOI: [10.1080/00336297.1978.10519907](https://doi.org/10.1080/00336297.1978.10519907)
29. Antunes FHC, Dantas LE, Bigotti S, Tokuyochi JH, Tani G, Brasil FK, André M. Um retrato da pesquisa brasileira em Educação Física escolar: 1999-2003. *Motriz* 2005[acesso 30 mar 2022];11(3):179-184. Disponível em: <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/11ELPa.pdf>.
30. Kuhn, TS. *A estrutura das revoluções científicas*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva; 2017.
31. Bracht V. Educação Física, método científico e reificação. In: Stigger MP. *Educação Física + Humanas*. Campinas: Autores Associados; 2015.
32. Bracht V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Cad Cedes* 1999[acesso 27 mar 2021];19(48). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?format=pdf&lang=pt>.
33. Betti M. Educação Física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 3, p. 183-197, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000300002>.
34. Neto S, Alegre NA, Hunger D, Pereira JM. A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX *Rev Bras Cienc Esporte* 2004[23 set 2021];25(2):113-128. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/230/232>.
35. Bourdieu P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense; 2004.
36. Bourdieu P. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70; 2008.
37. Feyerabend P. *Contra o método*. São Paulo: Editora Unesp; 2011.
38. Popper K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix; 2013.
39. Souza J. Da força do argumento ou do argumento de força? Notas para repensar a produção teórico-crítica em Educação Física no Brasil. *Rev Alesde* 2018;9(1):108-127. Doi: <https://doi.org/10.5380/jlasss.v9i1.60011>

**Agradecimentos:** Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro aos bolsistas. – Código de Financiamento 001.

**ORCID** dos autores:

Rafael Augusto Marques dos reis: <https://orcid.org/0000-0003-3860-0610>

Verônica Volski Mattes: <https://orcid.org/0000-0002-9599-6618>

Neidiana Braga da Silva Souza: <https://orcid.org/0000-0002-0480-0430>

Vinicius Machado de Oliveira: <https://orcid.org/0000-0003-1789-8243>

Marcos Roberto Brasil: <https://orcid.org/0000-0001-9915-3856>

Juliano de Souza: <https://orcid.org/0000-0003-3491-9536>

Recebido em 11/11/21.

Revisado em 08/04/22.

Aceito em 09/04/22.

---

**Endereço para correspondência:** Rafael Augusto Marques dos Reis. Rua Manoel Bandeira, 126, Vila Esperança, Maringá, PR, CEP 87020-580. E-mail: raffareis@outlook.com